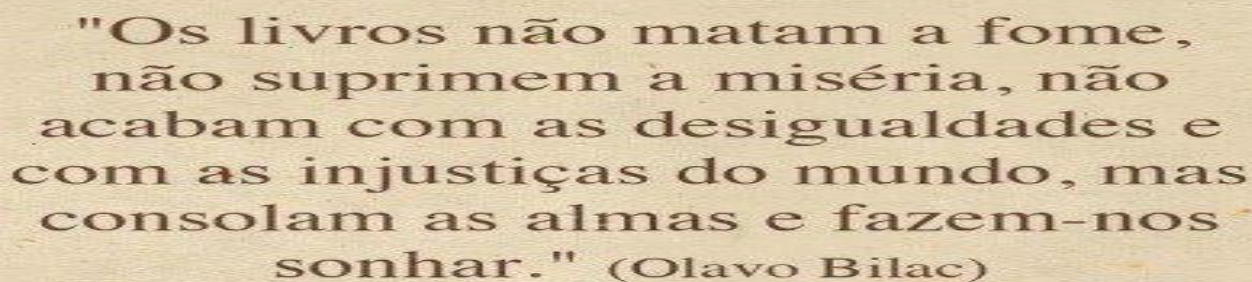


Índice

	páginas
Olavo Bilac	02 -07
Roberto Faissal	08- 11
01 – Via Láctea	12
02 – Só	13
03 – Maldição	14
04 – Benedicite	15
05 – No Cárcere	16
06 - Nel mezzo del camin di nostra vita	17
07 – Virgens Mortas	18
08 - Deixa que o olhar do mundo enfim devasse	19
09 – Resposta na Sombra	20
10 – Alvorada do Amor	21 - 23
11 – In Extremis	23
12 – Tercetos	24
13 – Beijos Eternos	25 – 26
Poesias de Olavo Bilac	27 – 28
Os Pobres	29



"Os livros não matam a fome, não suprimem a miséria, não acabam com as desigualdades e com as injustiças do mundo, mas consolam as almas e fazem-nos sonhar." (Olavo Bilac)

Olavo Bilac



Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac
(* Rio de Janeiro, 16/12/1865 — Rio de Janeiro, 28/12/1918)
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Olavo_Bilac

Foi um jornalista e poeta brasileiro. Foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, em 1896 - cadeira 15, cujo patrono é Gonçalves Dias. Em 1907, foi eleito "**príncipe dos poetas brasileiros**", pela revista Fon-Fon.

Conhecido por sua atenção a literatura infantil e, principalmente, pela participação cívica, era republicano e nacionalista; também era defensor do serviço militar obrigatório.

Bilac escreveu a letra do Hino à Bandeira e fez oposição ao governo de Floriano Peixoto.

Bilac, autor de alguns dos mais populares poemas brasileiros, é considerado o mais importante de nossos poetas parnasianos.

“A Pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo.

Biografia

Filho de Brás Martins dos Guimarães Bilac e de sua mulher Delfina Belmira Gomes de Paula e neto paterno de João Martins dos Guimarães Bilac e de sua mulher Angélica Pereira da Fonseca, irmã do 1.º Visconde de Maricá e 1.º Marquês de Maricá.

Era considerado um aluno aplicado, conseguindo, aos 15 anos - antes, portanto, de completar a idade exigida - autorização especial de ingressar no curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a gosto do pai e a contra gosto próprio, que era médico da então Guerra do Paraguai.

Começa a frequentar as aulas, mas seu trabalho da redação da *Gazeta Acadêmica* absorve-o mais do que a sisuda anatomia. Do mesmo modo, no tempo de colégio, deliciara-se com as viagens que os livros de Júlio Verne lhe ofereciam à fantasia. No menino e no jovem já se manifestavam as marcas de sua paixão futura: o fascínio poder criador da palavra.

Bilac não concluiu o curso de Medicina e nem o de Direito, que frequentou posteriormente, em São Paulo. Bilac foi jornalista, poeta, frequentador de rodas de boêmias e literárias do Rio. Sua projeção como jornalista e poeta e seu contato com intelectuais e políticos da época conduziram-o a um cargo público: o de inspetor escolar.

Sua estreia como poeta, nos jornais cariocas, ocorreu com a publicação do soneto "*Sesta de Nero*" no jornal *Gazeta de Notícias*, em agosto de 1884. Recebeu comentários elogiosos de Artur Azevedo, precedendo dois outros sonetos seus, no *Diário de Notícias*. No ano de 1897, Bilac acabou perdendo o controle do seu *Serpollet* e o bateu contra uma árvore na Estrada da Tijuca, no Rio de Janeiro - RJ, **sendo o primeiro motorista a sofrer um acidente automobilístico no Brasil**.

Aos poucos profissionaliza-se: produz, além de poemas, textos publicitários, crônicas, livros escolares e poesias satíricas. Visa contar através de seus manuscritos a realidade presente na sua época.

Em 1891, com a dissolução do parlamento e a posse de Floriano Peixoto, intelectuais perdem seu protetor, dr. Portela, ligado com o primeiro presidente republicano Deodoro da Fonseca. Fundado *O Combate*, órgão antiflorianista e a instalação do estado de sítio, Bilac é preso e passa quatro meses detido na Fortaleza da Laje, no Rio de Janeiro.

O grande amor de Bilac foi **Amélia de Oliveira**, irmã do poeta Alberto de Oliveira. Chegaram a ficar noivos, mas o compromisso foi desfeito por oposição de outro irmão da noiva, desconfiado de que o poeta era um homem sem futuro.

Seu segundo noivado fora ainda menos duradouro, com **Maria Selika**, filha do violonista Francisco Pereira da Costa. Viveu só sem constituir família até o fim de seus dias.

Escreveu diversos livros escolares, ora sozinho, ora com Coelho Neto ou com Manuel Bonfim.

Participação cívica e social

Já consagrado em 1907, o autor do *Hino da Bandeira* é convidado para liderar o movimento em prol do serviço militar obrigatório, já matéria de lei desde 1907, mas apenas discutido em 1915. Bilac se desdobra para convencer os jovens a se alistar.

Já no fim de sua vida, em 1917, Bilac recebe o título de professor honorário da Universidade de São Paulo. E talvez seja considerado um professor mesmo: dos contemporâneos, leitores de suas crônicas e ouvintes de sua poesia; dos que se formaram na leitura de seus livros escolares; de modo geral, dos que até hoje são enfeitiçados por seus poemas.

É como poeta Bilac que se imortalizou. Juntamente com Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, foi a maior liderança e expressão do Parnasianismo no Brasil, constituindo a chamada *Tríade Parnasiana*. A publicação de *Poesias*, em 1888 rendeu-lhe a consagração.

Discurso de 1907

Ao tomar palavra no banquete-homenagem que lhe fora oferecido a 3 de dezembro de 1907, Bilac enfatizaria o fato de ser sua figura representativa de toda uma geração:

" O que estais, como brasileiros, louvando e premiando nesta sala, é o trabalho árduo, fecundo, revolucionário, corajoso da geração literária a que pertenço, e o papel definido, preciso,

dominante, que essa geração conquistou com o seu labor, para o homem das letras, no seio da civilização brasileira...

Que fizemos nós? Fizemos isto: transformamos o que era até então um passatempo, um divertimento, naquilo que é hoje uma profissão, um culto, um sacerdócio: estabelecemos um preço para nosso trabalho, porque fizemos desse trabalho uma necessidade primordial da vida moral e da civilização de nossa terra.."

Principais obras



Membros da Academia de Letras: Olavo Bilac é o quarto em pé, da esquerda para a direita.

Dentre outros escritos de Bilac, destacam-se:

- Antologia poética
- Através do Brasil
- Conferências literárias (1906)
- Contos Pátrios
- Crítica e fantasia (1904)
- Crônicas e novelas (1894)
- Dicionário de rimas (1913)
- [Hino à Bandeira](#)
- Ironia e piedade, crônicas (1916)
- Língua Portuguesa, [soneto](#) sobre a língua portuguesa.
- Livro de Leitura
- Poesias (1888)
- Tarde (1919) - Poesia, org. de Alceu Amoroso Lima (1957)
- Teatro Infantil
- Tratado de Versificação - em colaboração com [Guimarães Passos](#)
- Tratado de versificação (1910)

Língua Portuguesa

É soneto constituído de versos decassílabos heróicos (acento tônico ocorrente nas 6^a e 10^a sílabas poéticas), com rimas opostas, interpoladas ou intercaladas.

"No poema Língua Portuguesa, o autor parnasiano Olavo Bilac faz uma abordagem sobre o histórico da língua portuguesa, tema já tratado por Camões. Este poema inspirou outras abordagens, como o poema 'Língua', de Gilberto Mendonça Teles e 'Língua', de Caetano Veloso.

Esta história é contada em quatorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos – um soneto – seguindo as normas clássicas da pontuação e da rima.

Partindo para uma análise semântica do texto literário, observa-se que o poeta, com a metáfora 'Última flor do Lácio, inculta e bela', refere-se ao fato de que a língua portuguesa ter sido a última língua neolatina formada a partir do latim vulgar – falado pelos soldados da região italiana do Lácio.

No segundo verso, há um paradoxo: 'És a um tempo, esplendor e sepultura'. 'Esplendor', porque uma nova língua estava ascendendo, dando continuidade ao latim. 'Sepultura' porque, a partir do momento em que a língua portuguesa vai sendo usada e se expandindo, o latim vai caindo em desuso, 'morrendo'.

No terceiro e quarto verso, 'Ouro nativo, que na ganga impura / A bruta mina entre os cascalhos vela', o poeta exalta a língua que ainda não foi lapidada pela fala, em comparação às outras também formadas a partir do latim.

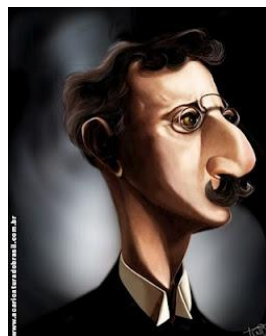
O poeta enfatiza a beleza da língua em suas diversas expressões: oratórias, canções de ninar, emoções, orações e louvores: 'Amo-te assim, desconhecida e obscura,/ Tuba de alto clangor, lira singela'.

Ao fazer uso da expressão 'O teu aroma/ de virgens selvas e oceano largo', o autor aponta a relação subjetiva entre o idioma novo, recém-criado, e o 'cheiro agradável das virgens selvas', caracterizando as florestas brasileiras ainda não exploradas pelo homem branco. Ele manifesta a maneira pela qual a língua foi trazida ao Brasil – através do oceano, numa longa viagem de caravela – quando encerra o segundo verso do terceto.

Ainda expressando o seu amor pelo idioma, agora por meio de um vocativo, 'Amo-te, ó rude e doloroso idioma', Olavo Bilac alude ao fato de que o idioma ainda precisava ser moldado e, impor essa língua a outros povos não era um tarefa fácil, pois implicou destruir a cultura de outros povos.

No último terceto, para finalizar, quando o autor diz: 'Em que da voz materna ouvi: 'meu filho'!/ E em que Camões chorou, no exílio amargo/ O gênio sem ventura e o amor sem brilho', ele utiliza uma expressão fora da norma ('meu filho') e refere-se a Camões, quem consolidou a língua portuguesa no seu célebre livro 'Os Lusíadas', uma epopeia que conta os feitos grandiosos dos portugueses durante as 'grandes navegações', produzida quando esteve exilado, aos 17 anos, nas colônias portuguesas da África e da Ásia. Desse exílio, nasceu 'Os Lusíadas', uma das oitavas epopeias do mundo."

Caricaturas de Bilac



*Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...
Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrolho da saudade e da ternura!*

*Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!
Olavo Bilac*



**“Bendito aquele que é forte
E desconhece o rancor;
E, em vez de servir a morte!
Ama a vida e serve o Amor!” - Olavo Bilac**

Olavo Bilac tradutor

Olavo Bilac traduziu as famosas travessuras de *Max und Moritz* de Wilhelm Busch, do alemão para o português: *Juca e Chico* (obra ilustrada, integral, disponível gratuitamente online).

Representações na cultura

Olavo Bilac já foi retratado como personagem no cinema e na televisão. Na televisão foi interpretado por Rui Minharro na minissérie *Chiquinha Gonzaga*, minissérie transmitida pela Rede Globo em 2002. No cinema, foi interpretado por Carlos Alberto Riccelli no filme *Brasília 18%*, filme produzido pela Globo Filmes em 2006.

Referências

1. [↑](#) [Olavo Bilac: patrono do Serviço Militar](#). 16ª circunscrição de serviço militar. Página visitada em 17 de dezembro de 2010.
2. [↑](#) Eduardo Fernandes Paes (2000). [Nossa língua, nossa pátria](#) (em português). Intervox.nce.ufrj.br. Página visitada em 23 de janeiro de 2010.
3. [↑](#) LESSA, Kathleen. [Kaleidoscópio Literário](#). Kathleenlessa.prosaeverso.net.
4. [↑](#) [SANTOS, Paula Perin dos. Análise do poema "Língua Portuguesa", de Olavo Bilac](#). Infoescola.com.
5. [↑](#) Eduardo Fernandes Paes (2000). [Nossa língua, nossa pátria - "Última flor do Lácio, inculta e bela"](#) (em português). Intervox.nce.ufrj.br. Página visitada em 23 de janeiro de 2010.
6. [↑](#) Paula Perin dos Santos (2009). [Análise do poema "Língua Portuguesa"](#) (em português). Infoescola.com. Página visitada em 23 de janeiro de 2010.
7. [↑](#) BUSCH, Wilhelm. [Juca e Chico História de Dois Meninos em Sete Travessuras. \(tradução: Olavo Bilac\) 11ª edição. São Paulo: Melhoramentos, s/d.](#). Unicamp.br.



Bilac personalidade dinâmica, poeta renomado, jovem impetuoso, abusado em sua escrita, que foi preso quatro vezes, viveu exilado em Minas Gerais no Governo de Floriano Peixoto. Foi o cronista atento ao seu tempo com erros e acertos, o intelectual das reuniões da Confeitaria Colombo, da Academia Brasileira de Letras...

O intelectual elitizado que teve espaço para retratar sua visão de mundo, os seus valores, os obstáculos da vida, sonhos pessoais e coletivos, os dramas da sociedade, as contradições do crescimento urbano, a educação do povo, a política com seus inimigos e os seus protegidos...

Roberto Faissal



Roberto Siqueira Matoso Faissal

(* Guarulhos, 11/03/1929 — +Rio de Janeiro, + 25/10/1988)

Conhecido profissionalmente como **Roberto Faissal**, foi um ator, apresentador e radialista brasileiro.

Biografia

A vida de Roberto Faissal se confunde com a história da Rádio Nacional. Também ficou conhecido nacionalmente por compor músicas, entre elas "A Cabeleira do Zezé" e "Maria Sapatão", marchinhas de carnaval que são sucesso até hoje e que ele compôs com João Roberto Kelly.

Roberto Faissal também trabalhou por muito tempo na Atlântida Cinematográfica como ator onde conheceu outros nomes da televisão como Eliana Macedo, Adelaide Chiozzo, Anselmo Duarte, José Lewgoy, Oscarito, Grande Otelo e tantos outros.

Trabalhou apenas para uma emissora de televisão: a TV Globo, onde estreou em 1968.

Morreu em seu apartamento no ano de 1988 no Rio de Janeiro aos 59 anos, de Acidente vascular cerebral deixando três filhos.

Carreira

No Teatro

- [1954](#) - *Venenosos*
- [1955](#) - *Todo dia é dia de Chanchada*
- [1958](#) - *Os Grandes Amores da Minha Vida*
- [1960](#) à [1964](#) - *Nova Era*
- [1965](#) - *Ruas de São Tadeu*
- [1970](#) à [1975](#) - *Em cima da Hora*
- [1978](#) - *Movimentos no Escuro*
- [1979](#) à [1981](#) - *Intimidade*

Na Televisão

- [1968 à 1972 - Balança Mas Não Cai](#) - Teco
- [1973 - O Semideus](#) - Januário
- [1974 - Fogo sobre Terra](#) - Jofre
- [1979 - Feijão Maravilha](#) - Dr. Augusto Andrade
- [1979 - Marron Glacê](#) - Cícero
- [1980 - Coração Alado](#) - Cacau Durães
- [1982 - O Homem Proibido](#) - Dr. Rocha Brito
- [1983 - Pão Pão, Beijo Beijo](#) - Rubens
- [1987 - Direito de Amar](#) - Padre Galileu

No Cinema

- [1948 - E o mundo se diverte](#)
- [1950 - A sombra da Outra](#)
- [1952 - Carnaval Atlântida](#)
- [1954 - Nem Sansão nem Dalila](#)
- [1955 - Guerra ao Samba](#)
- [1957 - O Barbeiro que se Vira](#)
- [1957 - Tem boi na Linha](#)
- [1974 - Sedução](#)
- [1976 - O Mundo em que Getúlio Viveu](#)
- [1978 - A Morte Transparente](#)
- [1983 - Bar Esperança](#)

Diretor de Fotografia / Diretor de Cinema e Vídeo / Produtor

Dedica-se a produção de filmes e de imagens subaquáticas desde 1980.

Assinou as imagens subaquáticas de filmes de longa-metragens como: “Ele o Boto” de Walter Lima Junior, “Where the River Runs Black” de Cris Caine, “BossaNova” de Bruno Barreto e mais recentemente “Amazônia Caruana” de Tizuka Yamazaki” e “Capitães de Areia “ de Cecília Amado.

Co-Produziu os longa-metragens Hora Marcada e Ponto Final, de M.Taranto. Produziu e dirigiu os Documentários como “ Um Mergulho na Ciência”- Premiado na Mostra Internacional de Filmes Científicos, “Vida Nos Recifes” e o “Homem e os Recifes”Produziu e Filmou Comercias para: Bradesco, Havaianas, Coca-cola, Vivo,AGFA, Lenor, Dunhill e muitos outros.

Produziu e filmou Aberturas e Cenas de Novela e Vinhetas para TV Globo: Cara e Coroa, Água, Viver a Vida e SBT TV: Véu de Noiva

Roberto - Conselheiro da Associação Brasileira de Cinematografia- ABC



Na Rádio Nacional

Castro Viana, Rodolfo Mayer, **Roberto Faissal**, Olga Nobre, Floriano Faissal, Castro Gonzaga

Com a chegada da TV a Revista do Radio transformou-se em Revista do Radio e TV, passando a entrevistar e fotografar os artistas que apareciam na sua telinha.



Dayse Lucide e Roberto Faissal



Rádio Nacional

Mario Facini, Isis de Oliveira, **Roberto Faissal**, Eurico Silva, Yara Sales, Floriano Faissal.

01 - Via Láctea

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Via Láctea

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pátio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e entender estrelas

2 - Só - in "Poesias"

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Este, que um deus cruel arremessou à vida,
Marcando-o com o sinal da sua maldição,
- Este desabrochou como a erva má, nascida
Apenas para aos pés ser calcada no chão.

De motejo em motejo arrasta a alma ferida...
Sem constância no amor, dentro do coração
Sente, crespa, crescer a selva retorcida
Dos pensamentos maus, filhos da solidão.

Longos dias sem sol! Noites de eterno luto!
Alma cega, perdida à toa no caminho!
Roto casco de nau, desprezado no mar!

E, árvore, acabará sem nunca dar um fruto;
E, homem, há de morrer como viveu: sozinho!
Sem ar! Sem luz! Sem Deus! Sem fé! Sem pão! Sem lar!

03 - Maldição - in "Poesias"

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Se por vinte anos, nesta furna escura,
Deixei dormir a minha maldição,
- Hoje, velha e cansada de amargura,
Minh'alma se abrirá como um vulcão.

E, em torrentes de cólera e loucura,
Sobre a tua cabeça ferverão
Vinte anos de silêncio e de tortura,
Vinte anos de agonia e solidão...

Maldita sejas pelo Ideal perdido!
Pelo mal que fizeste sem querer!
Pelo amor que morreu sem ter nascido!

Pelas horas vividas sem prazer!
Pela tristeza do que eu tenho sido!
Pelo esplendor do que eu deixei de ser!...

04 - Benedicite

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Bendito o que na terra o fogo fez, e o teto
E o que uniu à charrua ao boi paciente e amigo;
E o que encontrou a enxada; e o que do chão abjeto,
Fez aos beijos do sol, o ouro brotar, do trigo;

E o que o ferro forjou; e o piedoso arquiteto
Que ideou, depois do berço e do lar, o jazigo;
E o que os fios urdiu e o que achou o alfabeto;
E o que deu uma esmola ao primeiro mendigo;

E o que soltou ao mar a quilha, e ao vento o pano,
E o que inventou o canto e o que criou a lira,
E o que domou o raio e o que alçou o aeroplano...

Mas bendito entre os mais o que no dó profundo,
Descobriu a Esperança, a divina mentira,

Dando ao homem o dom de suportar o mundo!

05 - No Cárcere

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Por que hei de, em tudo quanto vejo, vê-la?

Por que hei de eterna assim reproduzida

Vê-la na água do mar, na luz da estrela?

Na nuvem de ouro e na palmeira erguida?

Fosse possível ser a imagem dela

Depois de tantas mágoas esquecida!...

Pois acaso será, para esquecê-la,

Mister e força que me deixe a vida?

Negra lembrança do passado! Lento

Martírio, lento e atroz! Por que não há de

Ser dado a toda mágoa o esquecimento?

Por quê? Quem me encadeia sem piedade

No cárcere sem luz deste tormento,

Com os pesados grilhões dessa saudade?

06 - Nel mezzo del camin di nostra vita

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

07 - Virgens Mortas

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Quando uma virgem morre, uma estrela aparece,
Nova, no velho engaste azul do firmamento:
E a alma da que morreu, de momento em momento,
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

Ó vós, que no silêncio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós, quando anoitece,
Cuidado! — o que dizeis, como um rumor de prece,
Vai sussurrar no céu, levado pelo vento...

Namorados, que andais, com a boca transbordando
De beijos, perturbando o campo sossegado
E o casto coração das flores inflamando.

— Piedade! Elas vêm tudo entre as moitas escuras...

Piedade! Esse impudor ofende o olhar gelado
Das que viveram sós, das que morreram puras!

08 - Deixa que o olhar do mundo enfim devasse

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Deixa que o olhar do mundo enfim devasse

Teu grande amor que é teu maior segredo!

Que terias perdido, se, mais cedo,

Todo o afeto que sentes se mostrasse?

Basta de enganos! Mostra-me sem medo

Aos homens, afrontando-os face a face:

Quero que os homens todos, quando eu passe,

Invejosos, apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais! Ando tão cheio

Deste amor, que minh'alma se consome

De te exaltar aos olhos do universo...

Ouçõ em tudo teu nome, em tudo o leio:

E, fatigado de calar teu nome,

Quase o revelo no final de um verso.

09 - Respostas na Sombra

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Sofro... Vejo envasado em desespero e lama
Todo o antigo fulgor, que tive na alma boa;
Abandona-me a glória; a ambição me atraiçoa;
Que fazer, para ser como os felizes?"

- Ama!

Amei... Mas tive a cruz, os cravos, a coroa
De espinhos, e o desdém que humilha, e o dó que infama;
Calcinou-me a irrisão na destruidora chama;
Padeço! Que fazer, para ser bom?

- Perdoa!

Perdoei... Mas outra vez, sobre o perdão e a prece,
Tive o opróbrio; e outra vez, sobre a piedade, a injúria;
Desvairo! Que fazer, para o consolo?

- Esquece!

"Mas lembro... Em sangue e fel, o coração me escorre:
Ranjo os dentes, remordo os punhos, rujo em fúria...
Odeio! Que fazer, para a vingança?"

- Morre!

10 - A Alvorada do Amor - (Livro: Bilac Tempo e Poesia)

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Um horror, grande e mudo, um silêncio profundo

No dia do Pecado amortalhava o mundo.

E **Adão**, vendo fechar-se a porta do Éden, vendo

Que **Eva** olhava o deserto e hesitava tremendo,

Disse:

Chega-te a mim! Entra no meu amor,

E e à minha carne entrega a tua carne em flor!

Preme contra o meu peito o teu seio agitado,

E aprende a amar o Amor, renovando o pecado!

Abençôo o teu crime, acolho o teu desgosto,

Bebo-te, de uma em uma, as lágrimas do rosto!

Vê tudo nos repele! a toda a criação

Sacode o mesmo horror e a mesma indignação...

A cólera de Deus torce as árvores, cresta

Como um tufão de fogo o seio da floresta,

Abre a terra em vulcões, encrespa a água dos rios;

As estrêlas estão cheias de calefrios;

Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o céu...

Vamos! Que importa Deus? Desata, como um véu,
Sobre a tua nudez a cabeleira! Vamos!
Arda em chamas o chão; rasguem-te a pele os ramos;
Morda-te o corpo o sol; injuriem-te os ninhos;
Surjam feras a uivar de todos os caminhos;
E, vendo-te a sangrar das urzes através,
Se amaranhem no chão as serpes aos teus pés...
Que importa? O Amor, botão apenas entreaberto,
Ilumina o degredo e perfuma o deserto!
Amo-te! Sou feliz! Porque, do Éden perdido,
Levo tudo, levando o teu corpo querido!

Pode, em redor de ti, tudo se aniquilar:
Tudo renascerá cantando ao teu olhar,
Tudo, mares e céus, árvores e montanhas,
Porque a Vida perpétua arde em tuas entranhas!

Rosas te brotarão da boca, se cantares!
Rios te correrão dos olhos, se chorares!
E se, em torno ao teu corpo encantador e nú,
Tudo morrer, que importa? A natureza és tu,
Agora que és mulher, agora que pecaste!
Ah! Bendito o momento em que me revelaste

O amor com teu pecado, e a vida com o teu crime!
Porque, livre de Deus, redimido e sublime,
Homem fico na terra, luz dos olhos teus,
Terra, melhor que o Céu! Homem maior que Deus!

11 - In Extremis

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
Assim! De um sol assim!
Tu, desgrenhada e fria,
Fria! Postos nos meus os teus olhos molhados,
E apertando nos teus os meus dedos gelados...

E um dia assim! De um sol assim! E assim a esfera
Toda azul, no esplendor do fim da primavera!
Asas, tontas de luz, cortando o firmamento!
Ninhos cantando! Em flor a terra toda! O vento
Despencando os rosais, **sacudindo o arvoredado...**

E, aqui dentro, o silêncio... E este espanto! E este medo!
Nós dois... e, entre nós dois, implacável e forte,
A arredar-me de ti, cada vez mais a morte...

Eu com o frio a crescer no coração, — tão cheio
De ti, até no horror do verdadeiro anseio!
Tu, vendo retorcer-se amarguradamente,
A boca que beijava a tua boca ardente,
A boca que foi tua!

E eu morrendo! E eu morrendo,
Vendo-te, e vendo o sol, e vendo o céu, e vendo
Tão bela palpitar nos teus olhos, querida,
A delícia da vida! A delícia da vida!

12 - Tercetos

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Noite ainda, quando ela me pedia
Entre dois beijos que me fosse embora,
Eu, como os olhos em lágrimas, dizia:

“Espera ao menos que **desponte a aurora!**
Tua alcova é cheirosa como um ninho...
E olha que escuridão há lá por fora!

Como queres que eu vá, triste e sozinho,
Casando a treva e o frio de meu peito
Ao frio e à treva que há pelo caminho?

Ouves? é o vento! é um temporal desfeito!
Não me arrojés à chuva e à tempestade!
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflição e de saudade...
Espera! Até que o dia resplandeça,
Aquece-me com a tua mocidade!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! Deixa que amanheça!”

— E ela abria-me os braços. E eu ficava.

E, já amanhã quando ela me pedia
Que de seu claro corpo me afastasse,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

“Não pode ser! não vês que o dia nasce?
A aurora, em fogo e sangue, as nuvens corta...
Que diria de ti quem me encontrasse?

Ah! Nem me digas que isso pouco importa!...
Que pensariam, vendo-me, apressado,
Tão cedo assim, saindo a tua porta.

Vendo-me exausto, pálido, cansado,
E todo pelo aroma de teu beijo
Escandalosamente perfumado?

O amor, querida, não exclui o pejo...
Espera! até que o sol desapareça,
Beija-me a boca! Mata-me o desejo!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava!
Espera um pouco! Deixa que anoiteça!”

— E ela abria-me os braços. E eu ficava.

13 - Beijo Eterno

Olavo Bilac

[Roberto Faissal](#)



Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e aplaque o meu
desejo!
Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo,
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!
Fora, repouse em paz
Dormida em calmo sono a calma natureza,
Ou se debata, das tormentas presa, -
Beija inda mais!
E, enquanto o brando calor
Sinto em meu peito de teu seio,
Nossas bocas febris se unam com o mesmo
anseio,
Com o mesmo ardente amor!

De arrebol a arrebol,
Vão-se os dias sem conto! E as noites, como
os dias,
Sem conto vão-se, cálidas ou frias!
Rutile o sol
Esplêndido e abrasador!
No alto as estrelas coruscantes,
Tauxiando os largos céus, brilhem como
diamantes!
Brilhe aqui dentro o amor!
Suceda a treva à luz!
Vele a noite de crepe a curva do horizonte;
Em véus de opala a madrugada aponte
Nos céus azuis,
E Vênus, como uma flor,
Brilhe, a sorrir, do ocaso à porta,
Brilhe à porta do Oriente! A treva e a luz - que
importa?

Só nos importa o amor!
Raive o sol no Verão!
Venha o Outono! Do Inverno os frígidos vapores
Toldem o céu! Das aves e das flores
Venha a estação!
Que nos importa o esplendor
Da primavera, e o firmamento
Limpo, e o sol cintilante, e a neve, e a chuva, e o vento?
- Beijemo-nos, amor!
Beijemo-nos! Que o mar
Nossos beijos ouvindo, em pasmo a voz levante!
E cante o sol! A ave desperte e cante!
Cante o luar,
Cheio de um novo fulgor!
Cante a amplidão! Cante a floresta!
E a natureza toda, em delirante festa,
Cante, cante este amor!
Rasgue-se, à noite, o véu
Das neblinas, e o vento inquiria o monte e o vale:

"Quem canta assim?" E uma áurea estrela fale
Do alto do céu
Ao mar, presa de pavor:
"Que agitação estranha é aquela?"
E o mar adoce a voz, e à curiosa estrela
Responda que é o amor!
E a ave, ao sol da manhã,
Também, a asa vibrando, à estrela que palpita
Responda, ao vê-la desmaiada e aflita:
"Que beijo, irmã! Pudesses ver com que ardor
Eles se beijam loucamente!"
E inveje-nos a estrela... - e apague o olhar dormente,
Morta, morta de amor!...
Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue: acalma-o com teu beijo!
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!

Poesia : Olavo Bilac

- [A um poeta](#)
- [A velhice](#)
- [Ao coração que sofre](#)
- ["Benedicite"](#)
- [Ciclo](#)
- [Como a floresta secular](#)
- [Como quisesse livre ser](#)
- [De outras sei](#)
- [Deixa o olhar do mundo](#)
- [Dormes...](#)
- [Em mim também](#)
- [Fogo-Fátuo](#)
- [In Extremis](#)
- [Inania Verba](#)
- [Leio-te:](#)
- [Língua Portuguesa](#)
- [Longe de ti](#)
- [Maldição](#)
- [Natal](#)
- [Nel mezzo del camin...](#)
- [O Cometa](#)
- [O Pássaro Cativo](#)
- [Olha-me!](#)
- [Ontem](#)
- [Ora \(dizeis\) ouvir estrelas!](#)
- [Palavras](#)
- [Penetralia](#)
- [Pinta-me a curva](#)
- [Por estas noites](#)
- [Por tanto tempo](#)
- [Quando adivinha](#)
- [Quando cantas](#)
- [Remorso](#)
- [Sai a passeio](#)
- [Só](#)

- [Talvez sonhasse, quando a vi](#)
 - [Tenho frio e ardo em febre !](#)
 - [Um Beijo](#)
 - [Velhas árvores](#)
 - [Satânia](#)
-

Poesia para crianças:

- [A Avó](#)
 - [A Borboleta](#)
 - [Os Pobres](#)
 - [A Boneca](#)
 - [O Universo](#)
 - [Plutão](#)
 - [A Vida](#)
 - [O Tempo](#)
 - [Junho](#)
 - [O Rio](#)
 - [A Mocidade](#)
-

Ensaio, crítica, resenha & comentário:

- [Léo Schlafman: *Antologia de Olavo Bilac*](#)
 - [Sânzio de Azevedo: *Olavo Bilac reeditado*](#)
-

Alguma **notícia** do autor:

- [Bio-bibliografia](#)



Os Pobres

Olavo Bilac



Aí vêm pelos caminhos,
Descalços, de pés no chão,
Os pobres que andam sozinhos,
Implorando compaixão.

Vivem sem cama e sem teto,
Na fome e na solidão:
Pedem um pouco de afeto,
Pedem um pouco de pão.

São tímidos? São covardes?
Têm pejo? Têm confusão?
Parai quando os encontrardes,
E dai-lhes a vossa mão!

Guiai-lhe os tristes passos!
Dai-lhes, sem hesitação,
O apoio do vossos braços,
Metade de vosso pão!

Não receieis que, algum dia,
Vos assalte a ingratidão:
O prêmio está na alegria
Que tereis no coração.

Protegei os desgraçados,
Órfãos de toda a afeição:
E sereis abençoados
Por um pedaço de pão.